



**COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

GUILHERME NASCIMENTO PRATES

**UMA INVENÇÃO CHAMADA BRASIL:
OS INTÉRPRETES
E A BUSCA PELA IDENTIDADE
NACIONAL**

Rio de Janeiro

2024

GUILHERME NASCIMENTO PRATES

**UMA INVENÇÃO CHAMADA BRASIL: OS INTÉRPRETES E A BUSCA PELA
IDENTIDADE NACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de monografia apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Colégio Pedro II, como requisito parcial para graduar-se em Licenciatura em Ciências Sociais.

Orientador(a): Prof. Dr. Afranio de Oliveira Silva

Rio de Janeiro

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica elaborada por Suria Braga Alves (CRB7 nº6490),
bibliotecária do Colégio Pedro II, Campus Realengo II.

P912i

Prates, Guilherme Nascimento

Uma invenção chamada Brasil: os intérpretes e a busca pela
identidade nacional / Guilherme Nascimento Prates – Rio de
Janeiro: [s.n.], 2024.

49 p.

Orientador: Prof. Dr. Afranio de Oliveira Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Colégio Pedro II,
Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Sociologia - Brasil. **2.** Sociologia da Literatura. **3.** Pensamento
social brasileiro. **4.** Identidade nacional. I. Silva, Afranio de Oliveira
(Orientador). II. Colégio Pedro. III Licenciatura em Ciências Sociais.
IV. Título

CDD 300.981

AGRADECIMENTOS

Em especial, a minha mãe, Viviane, que me deu à luz e concebeu-me nesta terra, mas para além disso, ensinou-me a ser o que sou hoje, me ensinou o caminho da justiça e da verdade.

A meu orientador, Prof. Afranio Silva, para além de professor, um grande colega de trabalho e da vida, quando ainda estava no início do curso, quase evadindo, me deu conselhos para retornar aos estudos.

Ao Prof. Marcelo de Souza Pereira que aceitou realizar a co-orientação na parte de literatura e que conduziu-me da melhor maneira nos estudos literários.

Ao Prof. José Amaral que me acompanhou em outras pesquisas e tornou-se um grande amigo. Ensinou-me mais do que as letras podem expressar, mostrou-me que a prática docente é muito além da sala de aula.

Aos amigos de curso e da vida Leonardo Campos Galardo, Marcelly Secati e Kawã Oliveira do Santos.

A minha companheira, Dani Adestino Dias, que entrou em minha vida e tornou-a especial, com ela aprendi a amar e ser amado, com ela pude construir uma relação de afeto verdadeira e recheada de diálogo.

À Prof. Kelly Pedroza que além de uma grande inspiração como pesquisadora de pensamento social ainda coordena o curso de Ciências Sociais com tanta maestria.

Por fim, gostaria de agradecer a todos que estiveram comigo nesta caminhada, amigos, colegas de trabalho, aos técnicos administrativos e todos os outros trabalhadores do Campus Realengo II, além é claro do corpo docente de sociologia do Colégio Pedro II, que para além das excelentes aulas, orientaram-me em ser um excelente profissional, um excelente aluno, enfim, um excelente professor.

Para Viviane Conceição do Nascimento

POUCA SAÚDE E MUITA SAÚVA, OS
MALES DO BRASIL SÃO!

(Macunaíma: o herói sem nenhum caráter,
Mário de Andrade)

RESUMO

PRATES, Guilherme Nascimento. **Uma invenção chamada Brasil**: os intérpretes e a busca pela identidade nacional. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) – Pró-Reitoria de Ensino, Departamento de Sociologia, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2024.

O presente trabalho é um esforço para compreender as interpretações clássicas sobre o Brasil, analisando três obras fundamentais das décadas de 1930 e 1950: *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre; *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda; e *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos*, de Antonio Candido. Através dessas obras, foi realizado um estudo bibliográfico com o objetivo de verificar se os autores contribuíram para a invenção de uma tradição brasileira e para a construção de uma identidade nacional. Quanto ao método, este trabalho consiste em uma revisão bibliográfica, especificamente uma revisão sistemática da literatura, que inclui a leitura integral das três obras e de seus principais comentaristas. Com a leitura das obras, foi possível observar o esforço analítico desses intelectuais para compreender as principais características nacionais. Cada autor, a partir de sua área - Antropologia, Sociologia e Literatura - buscou uma interpretação que superou os estudos realizados até então. No decorrer deste trabalho, conclui-se que esses autores enxergam o Brasil de um modo *sui generis*, sugerindo não apenas uma interpretação, mas uma “invenção” do país, conforme o conceito de “tradição inventada” proposto pelo historiador inglês Eric Hobsbawm. Assim, o trabalho argumenta que Freyre, Buarque e Candido não apenas interpretam o Brasil, mas o inventam, criando uma narrativa única e singular de identidade nacional.

Palavras-chave: Intérpretes do Brasil; pensamento social brasileiro; identidade nacional; sociologia brasileira; sociologia da literatura.

ABSTRACT

PRATES, Guilherme Nascimento Prates. **Uma invenção chamada Brasil:** os intérpretes e a busca pela identidade nacional. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) – Pró-Reitoria de Ensino, Departamento de Sociologia, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2024.

This paper is an effort to understand classical interpretations of Brazil by analyzing three fundamental works from the 1930s and 1950s: *Casa-Grande & Senzala* by Gilberto Freyre, *Raízes do Brasil* by Sérgio Buarque de Holanda, and *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos* by Antonio Candido. Through these works, a bibliographic study was conducted to determine whether these authors contributed to the invention of a Brazilian tradition and the construction of a national identity. Regarding the method, this study consists of a bibliographic review, specifically a systematic literature review, which includes a comprehensive reading of the three works and their main commentators. Through the reading of these works, it was possible to observe the analytical effort of these intellectuals to understand the main national characteristics. Each author, from their respective field—Anthropology, Sociology, and Literature—sought an interpretation that surpassed previous studies. In the course of this work, it is concluded that these authors view Brazil in a *sui generis* manner, suggesting not only an interpretation but an “invention” of the country, in accordance with the concept of “invented tradition” proposed by the English historian Eric Hobsbawm. Thus, the work argues that Freyre, Buarque, and Candido do not merely interpret Brazil but invent it, creating a unique and singular narrative of national identity.

Keywords: Interpreters of Brazil; Brazilian social thought; National identity; Brazilian sociology; Sociology of literature.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

C.G & S – Casa-Grande & Senzala

R.B – Raízes do Brasil

F.L.B – Formação da Literatura Brasileira

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....
2. CASA-GRANDE & SENZALA: A DEMOCRACIA RACIAL DE GILBERTO
FREYRE.....
3. SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA E O BRASIL CORDIAL.....
4. FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA: OS MOMENTOS DECISIVOS DE
ANTONIO CANDIDO.....
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....

1. INTRODUÇÃO

Pensar no Brasil hoje é pensar em Brasis; mas se existe Brasil é porque a discussão em torno da nação nunca se esgota, esse diálogo parte de como o local e o universal formam o que se entende hoje como povo brasileiro.

Talvez um dos primeiros intelectuais a colocar essa questão em debate seja Euclides da Cunha em *Os Sertões* (1902), quando o autor anuncia a existência de dois Brasis, e que somente existiria um Brasil constituído, a partir do momento em que o sertão e o litoral instaurassem uma comunicação. Na obra de Euclides da Cunha há uma contraposição entre o povo sertanejo - que não tem contato com a cultura exterior - e os litorâneos - representados na obra como “mestiços neurastênicos” e que estão de alguma maneira em posição oposta para o interior, isto é, para o sertão. A visão construída na obra de Euclides está muito alinhada com as teses eugenistas da década de 1920, e a ideia de mestiços neurastênicos reflete a noção de que indivíduos negros seriam inferiores aos brancos.

A atualidade de sua produção é pertinente, pois as interações entre os regionalismos ainda são amplamente discutidas hoje. Em sua obra, Euclides da Cunha articula a relação entre a modernidade da Região Sudeste do país e o atraso político e socioeconômico que ainda predomina em regiões mais distantes do Nordeste. Enquanto isso, autores subsequentes desenvolvem formulações que interpretam a nação, apesar das diferenças regionais. Assim, analisar o processo de formação da identidade nacional é compreender o que é autenticamente brasileiro: o que nos define como somos? O que confere brasilidade ao brasileiro?

Uma das primeiras leituras do Brasil foi realizada na década de 1920. Naquele momento, um dos intelectuais brasileiros que procurava compreender a nação era Oliveira Viana. Muito embora sua interpretação seja feita por influências de teses eugenistas, o intelectual acreditava que o Estado deve agir como o demiurgo da nação, ou seja, a parca população negra e indígena precisava ser orientada, pois a mesma não tinha a mentalidade do branco para se autogovernar.

Toda a evolução histórica da nossa mentalidade coletiva outra coisa não tem sido, com efeito, senão um contínuo afeiçoamento, por meio de processos conhecidos de lógica social, dos elementos etnicamente bárbaros da massa popular à moral ariana, à mentalidade ariana, isto é, ao espírito e ao caráter da raça branca. Os mestiços superiores, os mulatos ou mamelucos, que vencem ou ascendem em nosso meio, durante o largo período da nossa formação nacional, não vencem, nem ascendem como tais, isto é, como mestiços, por uma afirmação da sua mentalidade mestiça. Ao invés de se manterem, quando ascendem, dentro dos característicos híbridos do seu tipo, ao contrário, só ascendem quando se transformam e perdem esses característicos, quando deixam de ser psicologicamente mestiços – porque se arianizam. (VIANA, 2005, p. 179)

A intelectualidade nacional nos anos de 1920 visualiza a nação brasileira num processo de desenvolvimento defeituoso, cujo problema é a inserção do negro na sociedade nacional. Essa preocupação ocorre por um grande acontecimento, a abolição da escravidão. Agora com o negro liberto, as aristocracias nacionais entram em ação para repensar o modelo de relações sociais existentes, pois seu ideal era o embranquecimento da população.

Logo, os intelectuais têm um papel fundamental na leitura simbólica do nacional e do popular. Autores como Paulo Prado, Oliveira Viana, Euclides da Cunha, Nina Rodrigues e Arthur Ramos foram responsáveis por plasmar os ideais eugenistas da época, e esses ideais eram capitaneados por setores brancos, burgueses e aristocráticos.

No processo de constituição de nossa nacionalidade, os escritores entram em ação para tecer uma identidade nacional tendo em vista que toda identidade é produto de uma construção, pois “as comunidades se distinguem não por falsidade/autenticidade, mas pelo estilo em que são imaginadas” (ANDERSON, 2008, p. 33). Nas décadas de vinte, trinta e quarenta o Brasil já foi *imaginado* de diferentes maneiras pelas *intelligentsia*¹ nacional.

Nesse mesmo período ainda há um autor que se destaca dos intelectuais de sua época, Manuel Bonfim, médico brasileiro, que foi capaz de realizar uma análise que se distanciou das teses racialistas.

Manuel Bonfim se insere no interior dos grandes marcos que delimitam as fronteiras do pensamento da época - Comte, Darwin, Spencer. No entanto, sua interpretação desses autores é *sui generis* e se opõe às combinações brasileiras que absorvem o evolucionismo aos parâmetros de raça e meio. (ORTIZ, 1985, p. 22)

Com sua interpretação divergente das demais, Bonfim em seu livro *A América-Latina: males de origem* lança uma visão internacionalista, tendo em vista que não é possível abandonar a ideia de que o Brasil está inserido num contexto político e econômico de espoliação junto a outras nações. Neste sentido, Bonfim vê as sociedades latinoamericanas como organismos vivos e por sua vez estes organismos têm leis biológicas que determinam seu desenvolvimento.

Essas leis resultam no conceito de doença, ou seja, uma patologia que é fruto de um desvio, a doença da América Latina ocorre por conta do *parasitismo social*, que nada mais é do que a relação entre os parasitados (países latino-americanos) e os parasitas (países colonizadores). Portanto, Bonfim constrói essa análise que coloca a dicotomia entre julgados

¹ Em CG&Z, Gilberto Freyre distancia-se do determinismo biológico e geográfico de seus contemporâneos. Nesse momento, o autor passa a criticar a perspectiva de Oliveira Viana e Paulo Prado, onde o negro é colocado como inferior ao homem branco e sua miscigenação como fator fatalista da sociedade nacional. Esse distanciamento é um dos fatores que particulariza os estudos do autor, conferindo-lhe um salto em relação aos trabalhos anteriores.

e julgadores, o que representa um salto qualitativo importante para a compreensão da sociedade brasileira.

Mas a década de 1920 passa, e as teorias desse momento já não conseguem mais sustentar o decurso dos atores sociais. Chegamos então em outro momento, a década de 1930, com intelectuais que se lançam em um momento tão peculiar da história política nacional: o varguismo. Além da insurgência de novas demandas sociais diante de um cenário sociopolítico instável, os intérpretes do Brasil precisaram repensar a nação. Nos anos trinta temos Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr.

Juntos os três realizaram obras que foram elevadas à clássicos estudos do Brasil. Gilberto com o multiculturalismo, Sérgio com a sociologia compreensiva e Caio Prado com o marxismo fizeram suas análises em novos moldes do terreno nacional descobrindo novos paradigmas e quebrando velhas tradições na forma de produção de conhecimento sobre a sociedade. Um pequeno exemplo seria o salto em diferenciar cultura de raça que Freyre deu em *Casa-Grande & Senzala*.

Neste sentido, o presente trabalho procura analisar as principais obras produzidas nesse momento tão pulsante na sociologia brasileira. Sendo assim, nos próximos capítulos nos debruçamos sobre obras das décadas de 1930 e 1950 que visualizamos como obras que são atemporais, ressaltando os limites de cada uma delas.

Neste trabalho, utilizaremos o método de revisão de literatura. Este método oferece ao leitor resultados de outras pesquisas que se relacionam, mesmo que minimamente, com o estudo em questão. Assim, a revisão de literatura conecta estudos mais amplos sobre um tópico, oferecendo respostas e preenchendo lacunas em relação a investigações anteriores (CRESWELL, 2021). Esse método de pesquisa, em comparação com outros, oferece critérios subjetivos para a revisão realizada.

Na revisão de literatura desenvolvida neste trabalho, foram selecionadas três obras primárias: *Casa-Grande & Senzala*, *Raízes do Brasil* e *Formação da Literatura Brasileira*. Essas três obras foram lidas na íntegra e fichadas completamente. Além das obras primárias, foi necessário consultar os principais pesquisadores desses autores. Para a primeira obra, foram selecionados Elide Rugai Bastos e Ricardo Benzaquen de Araújo; para a segunda, Thiago Lima Nicodemo e João Kennedy Eugênio; e para a última, Rodrigo Martins Ramassote, Luiz Carlos Jackson e Paulo Arantes. As obras desses pesquisadores foram lidas com base no escopo desta pesquisa. Por fim, também foram consultadas obras mais abrangentes sobre o pensamento social brasileiro como campo de pesquisa, duas obras

importantes que orientaram este trabalho foram *Um Enigma Chamado Brasil: 29 Intérpretes e um País* e *Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*.

No primeiro capítulo, encontramos o autor Gilberto Freyre, que em 1933 publicou sua obra seminal, *Casa-Grande & Senzala*. Para muitos, esta obra continua sendo uma das maiores e mais originais interpretações do Brasil. Influenciado por Franz Boas, Freyre procurou analisar o Brasil sob a perspectiva da miscigenação, evitando a ideia eugênica de superioridade da raça branca. Sua análise provocou uma mudança significativa no pensamento sociológico do país, introduzindo também o conceito de democracia racial.

No segundo capítulo, abordamos o livro *Raízes do Brasil* (1936), escrito pelo historiador Sérgio Buarque de Holanda. A obra preocupa-se em visualizar a sociedade nacional a partir de suas raízes históricas: patriarcal, agrária e escravocrata. Nessa sociedade há um tipo de desenvolvimento que não é progressivo, na verdade é uma anomalia. No contexto urbano, Sérgio Buarque vê uma sociedade tomada pelas atitudes impessoais que impedem o país de atingir os padrões modernos de sociabilidade necessários ao desenvolvimento da democracia no Brasil, definindo, a partir do tipo ideal weberiano, o brasileiro como o homem cordial.

No terceiro capítulo, chegamos à década de 1950, com o crítico literário da revista *Clima*, Antonio Candido. Na obra, observamos uma literatura que é interpretada por diferentes denominadores, como estilística e língua, mas o principal deles é a nacionalidade. *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos* não segue o mesmo escopo de análise de outras obras que procuram definir o percurso formativo de nossa literatura; na verdade, ela foge do que é tomado como cânone, ao passo que Candido exclui o barroco. Uma literatura de mais de quinhentos anos² foi recortada em dois momentos muito *decisivos*: o arcadismo e o romantismo, a vontade de se fazer literatura nacional surge exatamente nesses dois momentos e com ela os escritores se preocupam em valorizar nossa mãe pátria.

Esses três intelectuais que se voltaram em compreender o processo de formação da nossa nacionalidade, seja qual for o modo, tiveram o objetivo de delinear o sentido do povo brasileiro, mas ainda sim essa compreensão se torna um tanto quanto enviesada por diferentes fatores, o que em certa medida atribui críticas a todos.

Esses intelectuais se depararam com um país de vasta diversidade cultural e social e se dedicaram a construir uma identidade nacional sólida. Mas é realmente possível "imaginar" ou "inventar" uma identidade diante de uma diversidade tão extensa? O empreendimento dos

² O tema da racionalização da vida é tratado por Max Weber no livro *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (1981), processo que está estritamente ligado às formas de ação social. Buarque trata o tema da racionalização da vida em sua obra como formas de manutenção da burocracia estatal.

intelectuais aqui analisados já começa de maneira enviesada? Essas questões serão exploradas ao longo do trabalho, com o objetivo de entender a forma e o conteúdo que moldaram as principais obras das Ciências Sociais, tanto no passado quanto no presente.

2. CASA-GRANDE & SENZALA: A DEMOCRACIA RACIAL DE GILBERTO FREYRE

Gilberto Freyre foi o responsável por uma das maiores interpretações sobre o Brasil. Essa consideração é importante na medida em que o autor inova em sua análise acerca dos paradigmas nacionais, onde essa inovação é assimilada pela maior parte do público intelectual

brasileiro e exterior resultando em uma interpretação única. Embora tenha suas inúmeras contradições, significou um salto em relação ao determinismo biológico que imperava anteriormente nos estudos sobre a nação.

Gilberto de Mello Freyre nasceu no Recife, Pernambuco, filho de um juiz e professor de direito, Alfredo Freyre. Era abastado de uma família tradicional proprietária de engenhos de açúcar. Com oito anos de idade ingressou no Jardim de infância do Colégio Americano. Neste momento tinha grande dificuldade para ser alfabetizado. Curiosamente aprendeu inglês antes da língua portuguesa e, futuramente, aprendeu latim com seu pai. Mais velho criou a sociedade literária e o jornal intitulado O Lábaro, onde realizou suas primeiras publicações.

Sua vida acadêmica iniciou-se em 1920 quando concluiu, na Universidade de Baylor, o curso de Bacharel em Artes. Em 1922, realizou o mestrado em Ciências Sociais na Universidade de Columbia, Nova York, defendendo a dissertação "Social life in Brazil in the middle of the nineteenth century — Vida social no Brasil em meados do Século XIX", sendo orientado pelo Antropólogo Franz Boas. Sob sua orientação, Freyre compreendeu a dicotomia entre o conceito de cultura e raça. Ainda em 1922 viajou por várias cidades da Europa como Paris, Berlim e Munique.

Um ano depois, em 1923, retornou ao Brasil e logo em seguida organizou, em 1924, o Centro Regionalista do Nordeste, que se distinguiu do então movimento modernista, especialmente marcado pela semana de arte moderna de 1922 que teve um grande impacto na cultura nacional. Já na década de 1930 foi a Portugal e iniciou seu projeto que futuramente se tornou sua maior obra já escrita: "*Casa-Grande & Senzala*", terminada em 1933 já em Recife. No Brasil, deu prosseguimento a seus outros dois trabalhos: "*Sobrados e Mucambos*" e "*Ordem e Progresso*". Em 1964, apoiou o golpe militar e também fez parte do Conselho Federal de Cultura no governo de Castelo Branco. Em 1987, faleceu, deixando um grande legado e uma vasta obra.

Quanto ao método, Freyre aprende com o antropólogo Franz Boas na Universidade de Columbia sobre o relativismo cultural que teve uma forte influência na produção analisada neste trabalho. Franz Boas realizou pesquisas com diferentes culturas como, por exemplo, a dos esquimós e dos indígenas norte-americanos. Em suas pesquisas realizadas com diferentes etnias o autor precisou repensar o método comparativo até então utilizado por outros antropólogos como Tylor, Morgan e Frazer. No relativismo cultural há uma valorização dos costumes e da preservação da cultura, tendo em vista que as formas de representação de uma cultura são interpretadas através das práticas comportamentais. Boas concebe as culturas dentro de suas próprias crenças, deixando de lado terminologias como "superior" ou

“inferior”, afirmando que a sociedade humana é um universo de diversidade cultural, assim, o antropólogo precisa buscar compreender os comportamentos nos limites daquela civilização.

Freyre é inspirado pela visão boasiana, acima de tudo com a concepção de raça, que para Boas se trata de uma inter-relação entre indivíduos que não têm uma hereditariedade, ou seja, não seria possível definir uma raça a partir de aspectos contínuos. Ele ainda evidencia que as mais diferentes etnias passaram por processos de mistura de raças.

A questão essencial a ser respondida é se temos qualquer evidência que indique que os acasalamentos entre indivíduos de descendência e tipos diferentes resultariam numa prole menos vigorosa do que a de seus ancestrais. Não tivemos nenhuma oportunidade para observar qualquer degeneração no homem que se deva claramente a essa causa. Pode-se demonstrar que a alta nobreza de todas as partes da Europa é de origem muito misturada. Populações urbanas da França, Alemanha e Itália são derivadas de todos os distintos tipos europeus. (BOAS, 2004, p. 72)

Neste ponto o pernambucano é muito influenciado por Franz Boas, sendo o primeiro autor no Brasil a utilizar o método de seu orientador. Ele coloca em primazia a não existência de superioridade de raça, criticando assim outros autores que insistiam em manter essa perspectiva.

Tratando de suas produções, a primeira é *Casa-Grande & Senzala*, publicada em 1933. Casa-Grande marca um momento importante nas interpretações do Brasil, assim como duas outras produções: *Raízes do Brasil* e *Formação do Brasil Contemporâneo*. Freyre em sua obra discute principalmente as relações entre etnias e culturas, colocando o papel do negro como fundamental no processo civilizador da sociedade brasileira.

Sobrados e Mucambos, publicado em 1936, trata da progressão da Casa-Grande para o contexto urbano e a supressão consecutiva da figura patriarcal. Essa supressão ocorre em detrimento da expansão do contexto urbano que exclui quase completamente a cultura regionalista.

Em *Ordem e Progresso*, publicada em 1959, Freyre ainda continua seu trabalho em torno das interpretações do Brasil procurando analisar o período transitório entre Monarquia e República. O autor não apenas debruçou-se sobre interpretações do Brasil, mas também escreveu sobre arte, lembrando que sua formação no exterior tem uma forte influência no campo artístico. Ainda nesse campo, o pernambucano publica *Vida, forma e cor*, onde explora produções como literatura, música, pintura e escultura.

Voltando à produção aqui discutida, *Casa-Grande & Senzala* (C.G & S)., torna-se amplamente reconhecida após sua publicação. Essa evidência é importante para compreender os sentidos que ela toma assim que o público tem acesso. Tendo um profundo caráter oral,

como se o autor estivesse em uma conversa informal, a oralidade (BENZAQUEN, 2009) é uma característica predominante no trabalho de Freyre. Os capítulos são estruturados de maneira a explorar as três etnias que fundaram o Brasil, os indígenas, os portugueses e os africanos. No início o autor realiza uma discussão acerca da colonização baseada em um tripé muito importante da formação brasileira, o primeiro sendo o agrário, o segundo escravocrata e o terceiro o patriarcal.

Esse tripé que estrutura a colonização portuguesa é o principal *locus* analítico da obra. A forma agrária de construção do povo brasileiro influencia diretamente no regime alimentar pobre que Freyre explora no livro, mas não se atém somente a esse fato. A forma agrária de produção tem uma relação intrínseca com o sistema escravocrata, tendo em vista que era a partir do agrário que se tinha dicotomicamente a Casa-Grande e a Senzala. Na primeira havia o senhor patriarcal, a senhora e seus filhos, juntamente com os africanos escravizados que os serviam, já na segunda havia os africanos que eram escravizados na lavoura. Esse sistema é fundamental para Freyre afirmar sua interpretação em torno da nação dos trópicos. O sistema patriarcal era o operador das relações sociais ali existentes, os abusos contra mulheres negras conferidos pelos senhores brancos, além dos assassinatos de escravizados que ousaram se opor aos mandos do patriarca. Essa dimensão tem um outro fator: a escravidão. A forma compulsória de trabalho dos indivíduos transportados pelo comércio escravo era o pilar sustentador de todas as formas econômicas; sem seus braços, pele e vida, a sustentação da Casa-Grande não seria possível.

No segundo capítulo o autor se volta para o modo de vida dos povos originários que viveram no Brasil, onde o autor explora a formação indígena na cultura brasileira e a sua consecutiva relação sensualista com o lusitano. A construção de uma cultura enviesada pela indígena faz parte dos estudos do autor, mas para ele não é um fator preponderante.

No terceiro capítulo, há um enfoque extenso no colonizador português, onde Freyre procura entender o passado histórico do povo lusitano com sua influência maometana. Também procura algum sentido do porquê a investida nos trópicos havia dado tão certo, fato explicado pela predisposição do português para climas mais temperados, ainda sendo influenciado pelo determinismo geográfico.

Nas condições físicas de solo e de temperatura, Portugal é antes África do que Europa. O chamado "clima português" de Martone, único na Europa, é um clima aproximado do africano. [...] seu deslocamento para as regiões quentes da América não traria as graves perturbações da adaptação nem as profundas dificuldades de aclimação experimentadas pelos colonizadores vindos de países de clima frio. (FREYRE, 2019, p. 72)

Além de buscar esse caminho, o lusotropicalista também identifica a plasticidade como um conceito-chave para compreender essas pré-disposições dos lusitanos. Defendendo essa adaptabilidade do lusitano, Freyre a direciona para seu empreendimento nos trópicos, assim como sua voracidade sexual que auxiliou na reprodução dos portugueses.

Já nos capítulos quatro e cinco Freyre trata do escravo africano e sua inserção dentro da Casa-Grande mediada por dois fatores: a vida sexual com o senhor patriarcal e a família do brasileiro.

Nestes dois capítulos o autor passa a analisar a construção da sociedade brasileira a partir de influências da população negra escravizada. Freyre considera predominante a função social que estes tinham em seu *locus* analítico, bem como a passagem de sua cultura para o nacional. Freyre procura entender os traços adaptativos, deixando de lado a relação de inferioridade do negro com o branco, como seus contemporâneos a fizeram³. Outro ponto fundamental na abordagem do livro é o papel de centralidade atribuído ao africano no processo colonizador, pois este teria o papel civilizatório na fundação da sociedade brasileira.

Sua produção é estruturada de modo em que passe pelas três etnias, pois ao longo do trabalho o autor concebe a formação da sociedade brasileira de maneira muito particularizada, caracterizando-a a partir de um conceito balizador importantíssimo, a tese dos antagonismos em equilíbrio. Freyre precisava de uma teoria que sustentasse a forma harmoniosa de relação entre as três etnias aqui existentes. Nesse sentido, há uma sociedade nacional que vive em harmonia, sem conflitos definitivamente étnicos, mas numa assimilação cultural.

O que se sente em todo esse desadorno de antagonismos são as duas culturas, a européia e a africana, a católica e a maometana, a dinâmica e a fatalista encontrando-se no português, fazendo dele, de sua vida, de sua moral, de sua economia, de sua arte um regime de influências que se alternam, se equilibram ou se hostilizam. [...] a formação *sui generis* da sociedade brasileira, igualmente equilibrada nos seus começos e ainda hoje sobre antagonismos. (*Ibid.*, p. 116)

Esses antagonismos fazem com que a formação brasileira tenha um caráter *sui generis*, como afirma o pernambucano. Mas a particularização ocorre pela via da disparidade do povo brasileiro, uma disparidade étnica, cultural e econômica. O próprio título da obra expressa esses antagonismos: a Casa-Grande posta de um lado “&” a Senzala posta de outro, diametralmente opostas pela cultura, pela raça e pelo sistema escravista. De um lado o branco escravocrata e, no lado contrário, o africano escravizado, ambos vivendo sem fraturas

³ Compreendo aqui, como na perspectiva de Silviano Santiago, a carta de Pero Vaz de Caminha como a primeira produção literária brasileira, ou luso-brasileira. Para melhor compreensão da análise da carta feita por Silviano. Ver: A escrita hermenêutica: continuidade colonizadora e singularidade colonial. In: SANTIAGO, Silviano. As raízes e o labirinto da América Latina. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

expostas.

Logo, é evidente que o autor vai operar um conjunto de ferramentas a fim construir uma sociedade nacional harmoniosa, com uma característica única, quase idílica. Freyre em seus estudos considera a América do Sul tão particular que sugere uma nova teoria para se entender o Brasil, o *Lusotropicalismo*. No lusotropicalismo o autor indica que deve ser orientado um estudo que coloque como elemento basilar a singularidade dos trópicos como o clima, a vegetação e o regime alimentar.

Com o desenvolvimento do luso no Brasil, juntamente com o negro africano e o indígena, há outro fenômeno importante nos trópicos. Freyre visualiza além da má nutrição no Brasil colonial a questão da sífilis, que para o autor se torna uma discussão não biológica, mas social. No processo de formação da sociedade brasileira o autor atribui uma importância à sífilis neste percurso.

À vantagem da miscigenação correspondeu no Brasil a desvantagem tremenda da sifilização. [...] De todas as influências sociais talvez a sífilis tenha sido, depois da má nutrição, a mais deformadora da plástica e a mais depauperadora da energia econômica do mestiço brasileiro. [...] Costuma dizer-se que a civilização e a sifilização andam juntas: o Brasil, entretanto, parece ter-se sifilizado antes de se haver civilizado. (Ibid., p.110)

Sifilização é o termo que o autor dá à relação entre processo social e patologia. A sífilis tem uma relação profunda com a forma como a miscigenação ocorre nos trópicos, pois sua relação incide sobre praticamente toda a população do Brasil colonial. Nesta leitura é possível afirmar que a sífilis parece um *fato social*, alcunhando o termo de Émile Durkheim (1999), pois o fato de a maior parte do povo ter essa doença não significa em nada ela ser considerada como um desvio patológico; na verdade era necessário sifilizar-se para chegar à postura de um homem feito.

Esse processo ocorre na relação entre escravas e senhores da casa-grande sendo os últimos os responsáveis por disseminar a doença venérea. A patologia teve grande impacto no Brasil, trazendo grandes problemas à maior parte da população. A doença, então, se torna comum dentro da casa-grande, fazendo parte da vida social do brasileiro.

Agora, tratando do núcleo deste trabalho, volta-se para a análise das relações entre as etnias e em como o autor constrói sua visão em torno disto. Freyre, a partir da teoria dos antagonismos em equilíbrio, entende que dentro dos contrários existem formas de suavização de conflitos (BASTOS, 2006), além das relações harmoniosas de vivência e convivência.

A partir disto, o pernambucano visualiza as relações entre negros e brancos de uma maneira muito particular, o que dá margem ao surgimento da ideia de *democracia racial*,

ainda que, Gilberto Freyre não tenha desenvolvido a ideia nominal nominalmente, como afirma Antônio Sérgio Guimarães (2002). A ideia de “democracia racial” foi resultado da política varguista de colocar a nação brasileira perante as outras numa perspectiva de democracia. Tal termo só aparecerá na área das ciências sociais nos anos cinquenta.

Essa percepção do autor vai sendo tecida ao longo da produção tanto pelo estudo do lusitano, mas também pelo processo de miscigenação que ocorreu nos trópicos tendo como reflexo a ausência da consciência de raça por parte dos negros. Ainda é discutida a influência de Freyre e em como na sua interpretação do Brasil há uma distorção da realidade brasileira, contribuindo na percepção de que toda a obra é construída a partir de uma história fantasiosa.

Apesar de todas as evidências apresentadas na seção anterior, ainda tenho, contudo, alguma dificuldade em concordar que a visão que Gilberto possuía da nossa sociedade colonial envolvesse, de fato, a afirmação de um paraíso tropical. Não é que pretenda refutar inteiramente esta posição, muito ao contrário, mas não consigo apagar a sensação de que estamos, acima de tudo, diante do que talvez se possa denominar de uma meia verdade, tomando-se inclusive esta expressão no seu sentido mais literal, ou seja: não se trata de uma falsidade ou de um equívoco, mas de uma afirmação que atinge apenas parcialmente o seu alvo, necessitando por conseguinte ser um pouco mais debatida e qualificada. (BENZAQUEN, 1994, p. 48)

Essa “meia verdade” que Benzaquen afirma, circunda principalmente a construção da obra e em como Freyre coloca inúmeros elementos de lado para conduzir uma narrativa parcial dos fatos, como o genocídio feito pelo colonizador contra o povo negro e indígena, além das torturas que todo escravizado era submetido ao tentar escapar da casa-grande.

A democracia racial é a ferramenta que realiza a manutenção das relações raciais no Brasil, ela é a responsável por suprimir essa consciência de raça do negro brasileiro e principalmente do povo miscigenado. Na formação da identidade nacional o negro era colocado como elemento fatal para o desenvolvimento, mas com o fim da escravatura o negro passa a ser assimilado pelo nacional. Nesse momento há uma falsa visão das relações raciais no Brasil que se estendem até hoje, onde negros e brancos coexistem nos mesmos espaços, não há uma rachadura que evidencie a dicotomia entre os dois.

A identidade nacional passa por modificações que evidenciam o caráter democrático racial da nação, com a ideia de que o negro, após o fim da escravatura, precisa modificar sua subjetividade anteriormente atribuída como “indolente” e “preguiçosa” para uma ideologia do trabalho.

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso — um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...] As culturas nacionais, ao produzir sentidos

sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 2023, p. 31)

Como bem exposto por Stuart Hall, toda identidade é uma narrativa, portanto, ao longo do livro é evidente a construção profunda de narrativas. Em C.G & S existe um sentido muito bem estabelecido entre as três etnias, isto é, a ideia de um mito fundacional do povo brasileiro. É nesse sentido, o democrático racial, que a sociedade brasileira expõe uma tradição patriarcal e escravocrata até os dias atuais, como por exemplo, algumas teses de que no Brasil não há racismo, posto que é algo que só existe nos Estados Unidos, e junto a isso visões deturpadas em relação ao processo de miscigenação. Como bem afirma Benedict Anderson, uma cultura nacional é uma *comunidade imaginada*, logo, as culturas não são apenas marcadas por instituições, mas também por representações e símbolos. A democracia racial envolve uma série de representações, principalmente com a relação entre raça e identidade no Brasil, mas também símbolos, como a miscigenação, que foi uma forma de supressão de consciência racial da nação. Portanto, a democracia racial é a ferramenta que unifica a nação trazendo sentimentos em comum além de uma sensação de pertencimento suprimindo essas diferenças de raça e classe tão evidentes até hoje no Brasil.

A máquina estatal também tem grande importância na disseminação da ideia de democracia racial, pois há uma supervalorização do papel do mestiço no desenvolvimento nacional. Nesse momento o mestiço passa a ser o portador social de mobilidade, não há um impeditivo simbólico, dessa forma ele transita nas mais altas camadas sociais contribuindo para tecer a ideia de que não há efetivamente conflitos de raça no Brasil. Freyre compactua com essa ideia ao afirmar uma relação dual entre o senhor da Casa-Grande, posto como o benfeitor, e o escravo conformado com sua situação.

É a tese mitológica do *bom senhor* e do escravo conformado que, no fundo, forma uma unidade com a da “democracia racial” e são as duas, no conjunto, a projeção das relações escravistas do passado como idílicas. O conceito do *bom senhor*, tão caro a sociólogos como Gilberto Freyre, tem passado, nos últimos tempos, por análises científicas da crítica sociológica e se transformou apenas em um desejo saudosista de quem vê a paisagem da varanda da casa-grande, julgando os escravos como objetos, ou seja através dos valores escravistas. (MOURA, 1977, p. 71)

Ao realizar essa afirmação Clóvis Moura enuncia uma profícua crítica à perspectiva da democracia racial. Esse “bom senhor”, como Freyre constrói ao longo de toda a obra, na verdade se utiliza dos mais diversos mecanismos de dominação com o negro, onde os maus tratos e a tortura são uma pequena amostra de como os escritos destoam da realidade. Ao

defender a plasticidade do luso nos trópicos, o pernambucano os coloca como o principal motor da colonização, pois se miscigenaram com outras etnias. Talvez aí esteja esse pilar de sustentação ao afirmar a plasticidade do luso, ele se relaciona “deliciosamente”, ou melhor, abusa sexualmente de outras etnias.

A ausência de mulheres brancas colocou os colonos frente ao relacionamento com mulheres negras e indígenas. Em pensar que esse envolvimento poderia melhorar as relações sociais em curso, o que Freyre em certa medida defende, na verdade aprofunda a exploração sexual e psicológica no processo de colonização “Nessa versão há o reconhecimento geral do povo de que a raça negra foi prostituída, e prostituição de baixo preço. Já que a existência da mulata significa o ‘produto’ do prévio estupro da mulher africana [...]” (DO NASCIMENTO, 1978, p. 62).

Lélia Gonzalez também articula a exploração da mulher negra a partir da relação entre opressão e gênero. A autora acredita que o prisma da exploração sexual da mulher negra não se resume somente à perspectiva econômica, mas a diversas estruturas de opressão e desigualdades. “Para as jovens negras, resta o trabalho doméstico nas casas de família da classe média e da burguesia, ou então a prostituição aberta e a mais sofisticada dos dias atuais: a profissão de mulata.” (GONZALEZ, 2020, p. 37).

Com esta curta passagem, Abdias e Lélia desdobram ainda em como o estupro e a exploração sexual compulsória fazem com que se veja a mulher negra como objeto de escravidão colonial, a mulata como fornicação e, não obstante, a mulher branca para se casar.

Essa perspectiva da mulata é muito alinhada com a democracia racial, levando em conta a construção dessa mulher sensual, produto da miscigenação. Na literatura brasileira encontra-se a reflexividade sociológica (BOTELHO E HOELZ, 2016) na obra emérita de Jorge Amado, *Gabriela, Cravo e Canela* (2008), que foi adaptada em telenovela pela emissora de televisão TV Globo em 1975, onde a protagonista é caracterizada de maneira sensualíssima, tendo o encantar de uma cinderela baiana, sua pele mulata, seu corpo, seus cabelos enfim...

No silêncio, a cismar, a saudade dos dois. Negro Fagundes pegou o fífô, foi embora dormir. Na sombra da noite, imensa e sozinha, o mulato Clemente recolheu Gabriela. Seu rosto sorrindo, seus pés andarilhos, suas coxas morenas, os seios erguidos, o ventre noturno, seu perfume de cravo, sua cor de canela. Tomou-a nos braços, levou-a pra cama feita com varas. Deitou-se com ela, reclinada em seu peito (AMADO, 1970, p. 130).

Essa construção simbólica da mulata diz muito sobre o ponto de vista dos moldes democráticos raciais. A sociedade nacional passa a glorificar essa imagem construída pela

literatura, música e artes de modo geral. Dessa maneira há uma construção opressora da subjetividade da mulher negra no Brasil pois

As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras. (CARNEIRO, 2003, p.1)

Essa experiência histórica abordada por Sueli Carneiro envolve a formação da subjetividade da mulher negra. Ao longo do processo de construção da identidade nacional, a mulher negra foi marginalizada em vários aspectos da sociedade, especialmente no mercado de trabalho, onde foi relegada a subempregos e condições desumanas. Com o tempo, a identidade da mulher negra se consolidou, mas na modernidade passou por um processo de desconstrução. A antiga identidade está em declínio, dando lugar a novas identidades que fragmentam os indivíduos modernos, conforme discutido por Stuart Hall (2023) no contexto da subjetivação na modernidade. Consequentemente, a concepção identitária antiga tem sido alvo de críticas de autoras feministas como Patrícia Hill Collins e Bell Hooks.

O intelectual responsável por interpretar a teoria da democracia racial e atribuí-la à posição de mito foi Florestan Fernandes, sociólogo e professor catedrático da Universidade de São Paulo. A obra na qual o autor busca desconstruir a democracia racial é *A integração do negro na sociedade de classes*, publicada originalmente em 1965. O trabalho além de desconstruir a democracia racial procura também combater os ideais culturalistas de Freyre, principalmente na visão da integração nacional.

Mas há um fato importante que antecede o livro de Florestan, o Projeto Unesco. O projeto tinha como objetivo realizar um estudo racial em diferentes regiões do país no ano de 1950, pois naquele momento acreditava-se que as relações raciais que aconteciam no Brasil eram bem sucedidas, nesse sentido as nações tinham interesse em entender o que acontecia no país. É exatamente nesse ponto que o livro de Florestan se insere. Ao lado de Roger Bastide na pesquisa, o paulistano procura examinar de perto as experiências raciais na cidade, resultando no livro *Branços e negros em São Paulo*. Porém, há uma inovação metodológica de Florestan, agora ele passa a dialogar com as mais diversas camadas que são objeto do trabalho, tendo em vista que a pesquisa se valeu de entrevistas com a população negra de modo geral e reuniões periódicas com os grupos.

Ainda sobre o livro *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*, Florestan Fernandes observa que o negro recém-liberto se encontra em um cenário de profundas transformações sociais relacionadas às mudanças no seio do capitalismo. No contexto do

grande capitalismo contemporâneo, o negro enfrenta uma situação de desintegração, ou seja, está desvinculado das realidades classistas, pois não há um processo de reintegração no sistema de classes nessa nova ordem. Com a transição do período rural para a cidade urbana, a inserção dos ex-escravizados é agravada, especialmente com a política imigratória voltada para o embranquecimento da população.

Com o negro livre, colocado à margem da sociedade de classes, há um difícil cenário de inserção social, pois a ordem social competitiva é tecida por características patrimonialistas concentrando cada vez mais os instrumentos de ascensão social nas mãos de poucos.

Florestan Fernandes aponta para o caráter hipócrita da formulação, mostrando que o mito baseia-se na afirmação de que a ordem social competitiva é aberta a todos igualmente, forjando-se a crença de que há um paralelismo entre a estrutura social e a estrutura racial da sociedade brasileira. (BASTOS, 1987, p. 148)

Assim, é visível que a ordem social competitiva é um dos elementos que confere a condição de mito à democracia racial. As disparidades de acesso ao trabalho, educação e outras necessidades básicas para a população negra são um pequeno fragmento dessa pseudo integração, escondendo o que de fato ocorre: supressão seguida de exclusão.

O mito da democracia racial funda uma consciência falsa da realidade, a partir da qual 'acredita-se' que o negro não tem problemas no Brasil, já que não existem distinções raciais entre nós, e as oportunidades são iguais para todos. (BASTOS, 1987, p. 148).

Essa apologia à democracia, ao reforçar que o negro não tem problemas no Brasil, é mais uma dimensão de que a teoria freyriana não tem sustentação na realidade brasileira, sobretudo com as tendências saudosistas do autor.

Gilberto Freyre foi um dos maiores intelectuais do Brasil, responsável por criar uma interpretação única que conferiu originalidade a seu trabalho. Fez uma interpretação através do culturalismo, corrente ainda nova no Brasil.

Responsável por realizar uma interpretação única, a obra concede a Gilberto Freyre um lugar muito especial no Brasil e no mundo. Sendo estudada nas mais diversas universidades do planeta, o que tornou C.G & S um dos trabalhos clássicos do pensamento brasileiro. Também foi o primeiro a elaborar uma análise do povo, principalmente a sua relação com o mundo ibérico. Portanto é possível afirmar que Gilberto de Mello e Freyre não interpreta um único Brasil, mas o seu Brasil.

3. SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA E O BRASIL CORDIAL

Sérgio Buarque de Holanda é o segundo autor a ser analisado neste trabalho. O intelectual teve diferentes ocupações, como por exemplo, a de crítico literário, jornalista e professor e foi responsável por uma interpretação única do Brasil onde procurou, não apenas observar as influências lusitanas, mas também colocou parte de nossa formação nacional como problema chave em seu quadro interpretativo. Apoiado no tipo ideal de Max Weber,

Sérgio Buarque ao longo da sua atividade teceu um tipo de brasileiro, o homem cordial, indivíduo avesso à civilidade e preocupado em valorizar suas qualidades pessoais.

Nascido em onze de julho de 1902, em São Paulo, Sérgio Buarque de Holanda é filho de Cristovão Buarque de Holanda Cavalcanti, farmacêutico e professor universitário, e Heloisa Gonçalves Moreira Buarque de Hollanda. Aos 18 anos iniciou a atividade de jornalista no *Correio Paulistano* e em 1921 ingressou no curso de Ciências Jurídicas na Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro. Logo, pela distância entre Rio e São Paulo, não participa da semana de moderna de 1922, mas contribui para o movimento editando a Revista Estética — revista semestral que sucede a *Klaxon* — juntamente com Prudente de Moraes Neto.

Alguns anos depois vai ao estado do Espírito Santo, momento único onde exerceu sua diplomação em direito e lá viveu por um curto período de tempo e, em 1927, retornou ao Rio de Janeiro. Aqui na cidade maravilhosa, volta a exercer sua atividade de correspondente internacional no *Jornal do Brasil*. Algum tempo depois, em 1929, parte para a Alemanha como correspondente dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand, vivenciando os anos efervescentes da República de Weimar. Ele observa de perto a ascensão do movimento nazista e testemunha um grupo partidário de Hitler espancando um judeu em praça pública. O autor tinha uma profunda vontade de escrever um ensaio histórico-sociológico intitulado *Teoria da América*. Esse texto ganha força com sua estadia na Alemanha, pois volta a estudar na Universidade de Berlim, onde teve aulas com Friedrich Meinecke, além de estudar as obras de Ludwig Klages, Max Weber e outros autores irracionistas.

Com a ascensão de Getúlio Vargas na década de 1930, Sérgio Buarque de Holanda volta ao Brasil levando em baixo de seus braços o trabalho desenvolvido na Alemanha que continha, aproximadamente, quatrocentas páginas. Com seu retorno ao Brasil e sua bagagem intelectual, o historiador volta às páginas desenvolvidas no continente europeu. Prosseguindo com seu projeto publicado em 1935, na revista *Espelho*, o ensaio “*Corpo e alma do Brasil: ensaio de psicologia social*” e futuramente o ensaio dará origem a dois capítulos de Raízes do Brasil.

Sérgio Buarque de Holanda atuou ainda como docente na antiga Universidade do Distrito Federal, UDF, e com sua extinção em 1939 passou a atuar no Instituto Nacional do Livro e na Biblioteca Nacional. Em 1940 retornou para São Paulo, trabalhando no Museu Paulista onde também foi diretor e lá permaneceu por dez anos. Nesse mesmo tempo lecionou na Escola Livre de Sociologia e Política, no mesmo período em que se preparou para prestar o concurso para a cátedra de História da Civilização Brasileira da Universidade de São Paulo,

defendendo a tese *Visão do Paraíso* em 1958, publicada pela editora José Olympio. Na USP tem um trabalho brilhante, além da atividade docente: cria o Instituto de Estudos Brasileiros — IEB que mantém até os dias de hoje um enorme acervo. Mas com o regime ditatorial militar acaba se aposentando em solidariedade a seus amigos.

Sérgio Buarque de Holanda foi autor de *Raízes do Brasil* (1936), obra que tem como base a ideia de que a formação nacional é produto de formas adaptativas entre os europeus em território nacional. Já em *Monções*, livro de 1945, o autor foca na expansão comercial ocorrida sobretudo no século XVIII através das redes fluviais. Por fim, escreveu *Caminhos e Fronteiras* em 1957, concentrando-se nas entradas dos bandeirantes no século XVI e XVII. Redigiu ainda outros artigos e obras envolvendo arte e crítica literária, como os artigos reunidos na obra *Cobra de Vidro*, publicada em 1944. Em 1980, ainda produzindo artigos para o Rio de Janeiro e São Paulo, participa da fundação do Partido dos Trabalhadores — PT e em 1982 morre, deixando um grande legado interpretativo e entrando para a história da sociologia brasileira.

A produção de *Raízes do Brasil*, diferente de C.G & S, tem uma escrita mais “acadêmica”, pois o autor possui uma grande relação com as universidades que estão sendo construídas na década de 1930, diferentemente da obra de Gilberto Freyre, que tem um tom mais oral e literário. Após a primeira publicação ocorreram diversas revisões e nelas Sérgio Buarque de Holanda procurou se afastar da visão positiva da colonização que Freyre criou nos quadros interpretativos de 1930.

Fundamentalmente, a revisão se pautou em abrandar a matriz sociológica da obra por meio do adensamento do aparato de erudição histórica; ao mesmo tempo eclipsou a influência original freyriana [...] Correndo risco de algum esquematismo, pode-se afirmar que Sérgio Buarque de Holanda atenua ou extingue julgamentos que atribuem positividade ao resultado do processo de colonização. (NICODEMO, 2015, p. 143).

Raízes do Brasil é uma obra que, assim como as outras, representa o esforço da intelligentsia brasileira em compreender a nossa identidade nacional, ou melhor, o que nos torna brasileiros. O trabalho procura, ao longo de todo o seu delineamento, apontar os processos sócio-históricos da modernização brasileira, buscando entender como o assentamento lusitano contribuiu para a formação do Brasil moderno. Em suma, o autor encontra-se preocupado em observar o legado colonial que persiste ao longo da formação da sociedade brasileira.

O legado ibérico, o ruralismo, a cordialidade e a relação de apropriação do Estado são questões-chave no quadro que Sérgio Buarque de Holanda monta em sua obra.

Principalmente quando o historiador procura entender “o que somos” e as relações que essa indagação tem nas estruturas de formação do Brasil. Preocupado em observar as transformações em curso, ele visualiza a transição do rural para o urbano, pois procura tendências modernas e a contínua expansão do povo brasileiro.

Como esperar transformações profundas em país onde eram mantidos os fundamentos tradicionais da situação que se pretendia ultrapassar? Enquanto perdurassem intatos e, apesar de tudo, poderosos os padrões econômicos e sociais herdados da era colonial e expressos principalmente na grande lavoura servida pelo braço escravo, as transformações mais ousadas teriam de ser superficiais e artificiosas. (HOLANDA, 1995, p. 92)

A estrutura tradicional de que o autor trata envolve uma série de práticas colonialistas que, embora pareçam ter sido superadas, ainda permanecem como uma amálgama da sociedade nacional. Nesse sentido, Sérgio Buarque de Holanda está tratando de uma relação entre forma e conteúdo. A forma é modernizadora, industrializada e urbana, mas o conteúdo é escravocrata, patriarcal e agrário.

Observando o legado ibérico, a obra procura em seu início evidenciar as raízes da cultura brasileira. Ela, segundo o autor, se encontra em dinâmicas sociais transplantadas para o terreno nacional. Uma dessas dinâmicas é a falta de racionalização da vida⁴ no território ibérico e como este fato, no processo de colonização nacional, impede que a sociedade tenha alguma força de organização interior. Essa falta de organização resulta então em processos ditatoriais profundos, como o período do Estado Novo em Portugal, mais conhecido como Salazarismo. Nesse período o poder estatal fica centralizado na figura do “chefe” Salazar. Esse fato histórico demonstra como essas tendências de apropriação da máquina estatal, isto é, tendências particularistas, não acontecem fora de contexto, mas são uma continuidade histórica de um longo processo de dominação cultural.

Ainda tratando do assentamento dos colonizadores nos trópicos, *Raízes do Brasil* tem uma construção metodológica dos contrários. Essa construção feita pelo autor é identificada no prefácio por Antonio Candido.

⁴ O termo “*intelligentsia*” tem origem na língua polonesa e russa e foi inicialmente utilizado no final do século XIX para se referir a um grupo social ou classe de intelectuais e acadêmicos que exercem influência significativa na cultura e na política. No Brasil, Sérgio Micelli explora o conceito de maneira profunda em sua obra *Intelectuais à Brasileira*. Micelli parte da ideia de Pierre Bourdieu para analisar como os “anatolianos” - grupos de intelectuais pré-modernistas que atuaram durante a República Velha (1889 a 1930) - conseguiram transformar seu capital social familiar em capital cultural e se consolidar como escritores. Na visão do autor, esses intelectuais dos séculos XIX e XX eram descendentes de famílias oligárquicas que estavam perdendo prestígio (especificamente o capital econômico) e buscavam, a partir de seu capital social, alcançar posições de prestígio e evitar o declínio social. Ver: MICELI, Sérgio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

Com este instrumento, Sérgio Buarque de Holanda analisa os fundamentos do nosso destino histórico, as “ raízes” , aludidas pela metáfora do título, mostrando a sua manifestação nos aspectos mais diversos, a que somos levados pela maneira ambulante da composição, que não recusa as deixas para uma digressão ou um parêntese, apesar de a concatenação geral ser tão rigorosa. Trabalho e aventura; método e capricho; rural e urbano; burocracia e caudilhismo; norma impessoal e impulso afetivo — são pares que o autor destaca no modo-de-ser ou na estrutura social e política, para analisar e compreender o Brasil e os brasileiros. (CANDIDO, 1995, p. 14)

Esse método dos contrários tem um lugar especial na análise, pois é ele o responsável por criar as principais dicotomias que o autor aponta na obra, ou seja, esse método é importante ao longo da obra porque ele irá contrastar os objetos estudados. Na análise do período ibérico, o autor utiliza essa metodologia dos contrários nas formas de colonização, ou melhor, no tipo ideal de colonizador. Esse ideal de colonizador é materializado em dois tipos: o indivíduo trabalhador e o indivíduo aventureiro. Sérgio realiza essa separação para compreender as diferentes formas de colonização na América Latina, vamos a explicação de cada uma.

O indivíduo do tipo trabalhador é aquele que atribui positividade em suas ações, quando sente ânimo em praticá-la, ou seja, quando se torna predisposto a realizar determinadas atividades de diferentes naturezas. Além disso, abomina as atitudes que o qualifiquem como vagabundo, moroso e irresponsável.

Já o indivíduo do tipo aventureiro deseja dispendiar pouca quantidade de energia em suas empreitadas. Ele vangloria atividades de rápida recompensa, fugindo de trabalhos que necessitem de um longo tempo, além da estabilidade que não chama a sua atenção — na verdade o aventureiro a despreza. É importante lembrar que esses tipos ideais não são uma categoria estanque, podendo ora estar combinados ou não.

Essa dicotomia entre os tipos de trabalhadores envolve um outro aspecto no quadro interpretativo: o lusitano, que, em sua viagem aos trópicos, apresenta características do tipo aventureiro. Esse tipo aventureiro de empreitada tem uma relação profunda na formação nacional, sobretudo na relação das raças e clima. O aventureiro colonizador favorece a mobilidade social, ou seja, no processo de construção da sociedade nacional ele teve facilidade em relacionar-se com outras etnias e adaptar-se ao clima tropical.

Tratando ainda do legado ibérico, não se pode perder de vista a herança rural que permaneceu no Brasil. O processo de colonização do território nacional foi encabeçado pelo tipo aventureiro e este por sua vez construiu uma civilização agrícola e rural. As raízes rurais são, sobretudo, marcadas pela abolição da escravatura em 1888, dividindo o Brasil em dois períodos, um pré-abolição e o outro pós-abolição. Dentro destas raízes rurais há uma

instituição social fundamental na interpretação do historiador: a família. Na obra, ela tem relevância em relação ao processo de constituição do Estado moderno como é concebido hoje.

O quadro familiar torna-se, assim, tão poderoso e exigente, que sua sombra persegue os indivíduos mesmo fora do recinto doméstico. A entidade privada precede sempre, neles, a entidade pública. [...] Representando, como já se notou acima, o único setor onde o princípio de autoridade é indisputado, a família colonial fornecia a idéia mais normal do poder, da respeitabilidade, da obediência e da coesão entre os homens. O resultado era predominarem, em toda a vida social, sentimentos próprios à comunidade doméstica, naturalmente particularista e antipolítica, uma invasão do público pelo privado, do Estado pela família. (HOLANDA, 1995, p. 96)

A família é uma instituição social robusta que tem como seu pilar o poder patriarcal. Por sua vez, este poder ultrapassa seus limites simbólicos chegando a outras esferas da vida social. Portanto, essa família patriarcal vai modular as diferentes relações sociais e políticas no Brasil. Ela será a responsável por determinar a relação entre governantes e governados. Desse ponto de vista, pode-se afirmar a estreita relação entre a família e o Estado brasileiro.

Não distante da sociologia dos contrários que Candido afirma, há uma outra importante dicotomia na obra. No processo de colonização há o tipo ideal do *semeador* e do *ladrilhador*. Pelo caráter exploratório, o semeador português chega aos trópicos com fins meramente econômicos e não leva em consideração a disseminação de sua população naquele espaço. Para ele a Colônia é um local transitório sem a necessidade de firmar suas raízes em terras exteriores. Na colonização portuguesa ainda há uma forte marca do litorâneo favorecendo essa linha comercial, em detrimento do ladrilhador espanhol que procura adentrar para o interior. No processo de assentamento espanhol seu interesse é reproduzir de maneira orgânica sua metrópole natal, levando as estruturas políticas, econômicas e militares para o local dominado.

Essas tipologias têm uma relação com os formatos de ocupação na América Latina por parte dos Espanhóis e Portugueses.

Comparado ao dos castelhanos em suas conquistas, o esforço dos portugueses distingue-se principalmente pela predominância de seu caráter de exploração comercial, repetindo assim o exemplo da colonização na Antiguidade, sobretudo da fénícia e da grega; os castelhanos, ao contrário, querem fazer do país ocupado um prolongamento orgânico do seu. (*Ibid.*, p. 117)

Essa diáde que é criada no processo de colonização tem o papel de caracterizar, a partir das diferentes regiões geográficas, o formato de dominação da terra. Sérgio Buarque de Holanda nesse momento está preocupado em relacionar as regiões com a sua forma de espoliação. Contudo, é importante observar que essas semelhanças evidenciam o caráter generalista de Raízes do Brasil, toda a obra é marcada pela construção de tipos ideais que

generalizam determinado fenômeno ou objeto.

A partir deste ponto, chegamos ao aspecto central do trabalho, quando o autor começa a tratar do conceito de “homem cordial”. Resultante de uma generalização, o “homem cordial” representa no mundo das ideias as formas de conduta do brasileiro, caracterizando-se pela aversão à civilidade e à aceitação de normas impessoais. Este conceito é o foco principal da análise.

Neste momento, retorna-se à discussão sobre o Estado e a família, com uma explicação sobre o Estado como uma instituição social burocrática, que se apresenta em contraste com a família. Na verdade, o Estado deve se opor à família. A burocracia é fundamentada nos moldes weberianos que o autor utiliza ao longo da obra, inclusive para definir as relações cordiais. Com o desenvolvimento industrial e a chegada da modernidade, a ordem social familiar continua a influenciar as instituições sociais modernas, como o Estado, além de perpetuar relações de sangue e afeto.

Raízes do Brasil é uma obra que trata de uma transição do período patriarcal arcaico até as relações urbanas modernas e conseqüentemente, das cidades. Nesse sentido, Buarque visualiza nesse período transitório um forte desequilíbrio social.

No Brasil, onde imperou, desde tempos remotos, o tipo primitivo da família patriarcal, o desenvolvimento da urbanização — que não resulta unicamente do crescimento das cidades, mas também do crescimento dos meios de comunicação, atraindo vastas áreas rurais para a esfera de influência das cidades — ia acarretar um desequilíbrio social, cujos efeitos permanecem vivos ainda hoje. (*Ibid.*, p. 175)

Nesse momento ainda há uma distinção fundamental nos formatos de gestão da máquina pública e, embasado na teoria weberiana, o historiador passa a relacionar os formatos de gestão aos interesses pessoais.

São dois tipos, o funcionário “burocrático” que preconiza “a especialização das funções e o esforço para se assegurarem garantias jurídicas aos cidadãos” (*Ibid.*, p. 175). Esse tipo ideal de funcionário leva em consideração as atividades de capacidade técnica e não as relações pessoais de confiança. E existe também o funcionário “patrimonial” que coloca a gestão “como assunto de seu interesse particular; as funções, os empregos e os benefícios que deles auferem relacionam-se a direitos pessoais do funcionário e não a interesses objetivos” (*Ibid.*, p. 175).

Desse ponto de vista, o interesse particular extrapola a esfera burocrática de gestão. As mínimas atividades que têm interesse objetivo para a população agora são realocadas de forma que o interesse pessoal se sobreponha ao interesse público. Essa interpretação de Sérgio

Buarque reverbera até hoje, com desvio de verbas públicas que vereadores e deputados fazem, enfim, o “jeitinho brasileiro”.

Sendo a cordialidade a maior contribuição do brasileiro à América Latina (Monteiro, 2021), frase tão cara ao autor ao longo da obra. O que somos? O que nos faz brasileiros? Talvez essas perguntas coloquem em jogo a ideia de homem cordial que estamos discutindo. Vale lembrar que o homem cordial é uma alcunha do autor Ribeiro Couto que a colocou pela primeira vez em uma carta dirigida a Alfonso Reyes (1987).

A generosidade nas relações e a hospitalidade são uma pequena marca do caráter do brasileiro, são características que permearam do meio patriarcal e rural para o urbano. Antes de tudo o brasileiro tem uma proximidade no trato, não há dificuldades em iniciar uma conversa com um desconhecido, tornar-se amigo dele rápido. Mas longe de serem marcas de valor positivo, representam, na verdade, o oposto da civilidade que Sérgio Buarque caracteriza como “expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante” (Ibid., p. 176).

No “homem cordial” , a vida em sociedade é, de certo modo, uma verdadeira libertação do pavor que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si próprio em todas as circunstâncias da existência. Sua maneira de expansão para com os outros reduz o indivíduo, cada vez mais, à parcela social, periférica, que no brasileiro — como bom americano — tende a ser a que mais importa. Ela é antes um viver nos outros. (Ibid., p. 177)

Essa libertação de viver consigo mesmo é um mecanismo que o homem cordial adquire para relacionar-se no meio social. Suas atitudes são embasadas com o coração, e necessita manter indivíduos próximos para a manutenção da vida social. O problema chave colocado pelo autor são os limites dessa proximidade no meio social e, além disso, como esse fenômeno reverbera em outras esferas. A necessidade de manter-se a intimidade com outros indivíduos passa a virar regra geral, mostrando-se em diferentes normas de conduta.

No campo da linguística o autor observa que nós brasileiros temos a tendência em inserir o sufixo -inho. Ao estudar esse fenômeno, Buarque chega à conclusão que é uma forma de familiarizar-se com outras pessoas e objetos.

Ainda em relação às normas de conduta, como foi dito, a cordialidade ultrapassa as relações meramente pessoais, principalmente em relação a objetos e outros fenômenos que ocorrem na vida cotidiana. Assim, o catolicismo imposto nas terras brasileiras sofreu modificações profundas quando entrou em contato com o homem cordial. Os santos que no catolicismo ortodoxo são tomados com determinada distância, sobretudo com um decoro de autoridade, passam a ser vistos nos trópicos com muito mais intimidade, passando a serem

indivíduos íntimos que estão dentro de casa e nas rodas de samba. Nesse sentido, Deus passa a ser visto como um membro familiar, faz parte de um círculo doméstico.

Enfim, o “jeitinho brasileiro”, o modo pelo qual as pessoas mantêm suas relações sociais é visto de modo pejorativo. Essa representação ecoa em diferentes esferas, inclusive na indústria cultural. A empresa norte-americana Disney, criada pelo diretor Walt Disney, decidiu criar um personagem para seus desenhos animados que fosse brasileiro. Nessa empreitada o diretor da empresa veio ao Brasil em 1940 e chegou a frequentar a quadra do Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela, onde lá conheceu pessoalmente o sambista Paulo Benjamin de Oliveira (1901-1949), mais conhecido como Paulo da Portela. Nessa visita nasce o personagem *Zé Carioca*. Zé é representado por um animal que pertence a nossa fauna: o papagaio. O papagaio é caracterizado com um andar despojado, usa um chapéu, um terno e uma pequena gravata borboleta, em suas mãos carrega consigo um pequeno guarda-chuva que tem uma função de bengala. Essa construção não está distante do homem cordial, a relação entre os dois é muito próxima na medida em que Zé Carioca representa genuinamente o nacional, o povo brasileiro com sua lábia incrível; ele representa, afinal, o nosso “jeitinho”, onde adoramos samba, cerveja e futebol.

No campo da música há também estas representações estereotipadas do brasileiro, não que sejam atribuídas a um tom negativo, mas representam essa construção de identidade aqui representada. A música *País tropical*, de autoria do compositor Jorge Ben Jor, evidencia bem essa condição de identidade nacional construída do brasileiro.

Moro

Num país tropical

Abençoado por Deus

E bonito por natureza, mas que beleza

Em fevereiro, em fevereiro

Tem carnaval, tem carnaval

Eu tenho um fusca e um violão

Sou Flamengo e tenho uma nega chamada Tereza (BEN JOR, 1969)

A partir do campo da arte também é possível ver essa marca nacional da cordialidade, a proximidade com outros indivíduos, além do tratamento com o coração. Mas essas características são paradigmas nacionais na visão de Sérgio Buarque de Holanda. Portanto, é tecida uma identidade nacional que coloca como motor central as relações pessoais, bem como a comoção das massas na historiografia brasileira. Estas evidenciam que nossa sensação de pertencimento tem sido balizada a partir de sentimentos coletivos que são privados, logo,

esse fenômeno subtrai as fontes de cidadania que são o fio condutor de nossa nacionalidade.

Na visão do autor, esse processo de proximidade entre indivíduos transita pelas mais diversas instituições. Neste sentido, o mundo político também é plasmado pela visão cordial, onde governantes e governados mantêm uma relação estreita; o cultivo à pessoa deixa de lado as relações impessoais necessárias para a boa gestão da máquina estatal.

A democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido. Uma aristocracia rural e semifeudal importou-a e tratou de acomodá-la, onde fosse possível, aos seus direitos ou privilégios, os mesmos privilégios que tinham sido, no Velho Mundo, o alvo da luta da burguesia contra os aristocratas. (HOLANDA, 1995, p. 192)

A não existência de uma democracia no Brasil, implica dizer que há outro formato de governo, não é possível afirmar qual seria. Mas a sua ausência da democracia exemplifica as diferentes correntes políticas no Brasil que são avessas ao cenário democrático, fenômenos políticos como o varguismo e o bolsonarismo são um pequeno exemplo da ausência da democracia no país. O cultivo à imagem pessoal, os crimes de responsabilidade, as mais diferentes formas despóticas de governo, todas tem um profundo caráter cordial.

Sérgio Buarque de Holanda teve e tem uma profunda contribuição ao pensamento social brasileiro. Suas obras como *Raízes do Brasil* evidenciaram o campo da pesquisa sociológica, histórica e política sobre o Brasil. O homem cordial entrou para o hall de tradições interpretativas, fazendo com que seu ensaio histórico-sociológico fosse responsável por criar um quadro único nas análises até então feitas. Apoiado sobre a teoria weberiana, seus tipos ideais contribuíram de modo generalista para captar as formas simbólicas do nacional, fazendo do homem cordial uma forma de enxergar o Brasil, que evidencia o coração, a proximidade e a intimidade.

4. FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA: OS MOMENTOS DECISIVOS DE ANTONIO CANDIDO

Antonio Candido foi um dos críticos literários mais importantes do país, com sua crítica radical, visualizou a literatura brasileira como um conjunto orgânico marcado por dois momentos decisivos: o arcadismo e o romantismo. Formado em Ciências Sociais, contribuiu com a perspectiva sociológica e com a literatura nacional, mas além disso viu a experiência nacionalista a partir da produção literária, afirmando que “nossa literatura é galho secundário da portuguesa, por sua vez arbusto de segunda ordem no jardim das Musas...” (CANDIDO, 2023, p. 13). Assim, de galho secundário da portuguesa, a literatura brasileira se fez renovada com a consciência nacional dos autores que procuraram a glória nas belas letras.

Antonio Candido de Mello e Souza nasceu no estado do Rio de Janeiro, no dia 24 de julho de 1918, filho do médico Aristides Candido de Mello e Souza e Clarisse Tolentino de Mello e Souza. Inicialmente, seu processo educativo se deu em ambiente doméstico, mas ainda na infância sua família se mudou para Poços das Caldas.

Em 1935 concluiu o ensino médio ainda no interior de São Paulo, no Ginásio Estadual São João da Boa Vista, iniciando, dois anos mais tarde, o curso complementar no Colégio Universitário da Universidade de São Paulo (USP). No mesmo período teve participação ativa no grupo radical de Ação Popular, um movimento de cunho contrário ao Estado Novo comandado por Getúlio Vargas. A adesão ao movimento militante desde sua juventude tem importância na produção do autor, incidindo em uma estilística radical.

Sua vida universitária começa aos 21 anos, em 1939, quando inicia simultaneamente o curso de Direito na Faculdade de Direito do Largo São Francisco e o curso de Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas na USP. Porém, em 1942 decidiu abandonar o curso de Direito próximo do quinto período e terminou a graduação em Ciências Sociais em 1942.

No período da graduação teve uma importante participação no meio acadêmico, além do círculo de amizade com nomes importantes no cenário pós-modernista, como Décio de Almeida Prado, Paulo Emílio Sales Gomes e Gilda Rocha, sua futura companheira. Nesse círculo de amizade nasce a revista *Clima*, uma revista de crítica geral que se tornou uma das mais influentes da época.

[...] a revista *Clima*, que, em vez de morrer do mal de sete números, que diziam ser fatal às revistas de jovens, durou mais que o dobro, dezesseis números, editados precária e valentemente de 1941 a 1944. [...] A meu ver, nada compreenderemos sobre *Clima* sem levar em consideração que o Brasil era ainda muito amadorístico, se comparado ao país atual, profissionalizado ou em via de profissionalização.

Fazíamos toda a parte braçal, arranjar anúncios, pegar originais, levá-los à gráfica, corrigir provas, enviar os exemplares ao Correio, distribuí-los em livrarias e bancas de jornal, graças à boa vontade de meia dúzia de abnegados, não mais, que eram ao mesmo tempo patrões e empregados de si mesmos. (PRADO, 2022, p. 33)

Como bem exposto por Décio, a publicação tomou um cenário particular no contexto dos anos trinta, principalmente com a alta qualidade na crítica artística dos participantes. Assim, a carreira de Candido é encabeçada junto com o sucesso da revista.

Sua carreira no magistério superior iniciou-se logo que concluiu seu curso, passando a integrar o corpo docente da USP, momento em que se torna assistente do Professor Fernando de Azevedo, na cadeira de Sociologia. Em 1945 conquista a cátedra de literatura brasileira, com a tese intitulada *Introdução ao método crítico de Sílvio Romero*. Em 1954 recebe o título de doutor em Ciências Sociais com o trabalho *Os Parceiros do Rio Bonito*, onde investiga, por meio da observação participante, os modos e costumes da vida rural no município de Bofete, localizado no estado de São Paulo. Em 1961 retorna à USP como professor colaborador na disciplina de Teoria literária e Literatura comparada e, em 1974, torna-se professor titular na mesma instituição. Como crítico atuou em diversos jornais como a *Folha da Manhã* e *Estado de São Paulo*.

Suas principais obras são *Formação da literatura brasileira*, *Os parceiros do Rio Bonito*, *Educação pela noite*, *Vários escritos*, além de artigos nos mais diversos meios de comunicação. Também ganhou prêmios como o Jabuti, Machado de Assis e Camões, falecendo em 12 de maio de 2017, aos 98 anos, no estado de São Paulo. O crítico literário deixou uma importante reflexão acerca dos rumos da literatura brasileira como também do cenário intelectual e acadêmico no Brasil.

Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, obra seminal de Antonio Candido, foi publicada em 1959, e simboliza uma interpretação da literatura brasileira muito original que junta elementos do dinamismo cultural brasileiro como também uma tradição literária. A ideia do livro nasce quando o editor e livreiro José de Barros Martins lhe encomenda um livro sobre história da literatura brasileira. Curiosamente, Antonio Candido demorou dez anos para entregar o projeto, e ainda por cima não estudou toda a literatura nacional como o livreiro o havia requisitado; o crítico entrega somente dois períodos, a arcádia e o romantismo.

Em linhas gerais, o trabalho compreende a formação em seu sentido qualificatório, tratando manifestações literárias de forma diferente da literatura propriamente dita, sendo a última definida por um sistema de denominadores comuns.

Estes denominadores são, além das características internas, (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros. O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece sob este ângulo como sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contacto entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade. (CANDIDO, 2023, p. 25)

Logo neste parágrafo é possível conceber o que é literatura nos limites da obra, isto é, “um tipo de comunicação inter-humana” que envolve três elementos muito bem definidos, os autores, as obras e o público. Portanto, só é possível fazer literatura nestas condições. Essas condições são definidas na obra como o “Sistema literário”, que nada mais é do que a relação que afirmamos anteriormente. Porém o sistema é marcado por uma continuidade literária, ou seja, uma “espécie de transmissão da tocha entre corredores, que assegura no tempo o movimento conjunto, definindo os lineamentos de um todo” (CANDIDO, 2023, p. 25). Sendo assim, o nosso crítico vai debruçar-se na formação de nossa literatura procurando dar sentido às formas de produção literária, além de conduzir uma análise que conecte os autores da época por determinadas tendências de nossa literatura — essas tendências são o arcadismo e o romantismo.

Dentro do método analítico de Candido, o objetivo é examinar a história da literatura e o fenômeno literário de maneira abrangente, levando em consideração o contexto cultural das produções literárias e, em especial, a análise dos autores. Antonio Candido busca entender a literatura não apenas em seu aspecto textual, mas também em relação às influências culturais e à contribuição individual dos escritores.

O autor, por ser sociólogo de formação, utiliza como método de análise conceitos alinhados à área da sociologia. Sendo assim, ele irá beber na fonte das obras de Max Weber para balizar seu conceito de sistema literário. O conceito que Candido utiliza é a “rotinização” — que é trabalhado por Weber na obra *Economia e sociedade* (2004). “Antonio Candido faz uso do conceito weberiano de ‘rotinização’ para designar o processo de assimilação de padrões estéticos e temáticos, fixados e expandidos pelos escritores menos criativos.” (JACKSON, 2009, p. 277).

Em F.L.B, cair na rotina logo pode ser visto como a reprodução desses padrões estéticos por escritores sem habilidades, pois o crítico literário vê o processo de *formação* da nossa literatura como jardim e cemitério: jardim quando há uma criação nova, um beletrista

disposto a fundamentar novos padrões estéticos e cemitério quando o intelectual reproduz o que já está posto, realizando obras medíocres.

A literatura nacional para Candido tem seu despertar no Arcadismo, principalmente porque é nesse momento que há tendências estéticas novas. É nesse período que se configura uma tendência particular da produção literária brasileira onde autores como Basílio da Gama e Santa Rita Durão vão expressar, por meio desse movimento literário, o que é genuinamente nacional. Os dois poetas são responsáveis por realizar a tendência do indianismo que pretende dar algum grau de localismo à nossa jovem literatura. A dupla de poetas épicos configura um novo rumo, a vontade de se fazer literatura nacional.

No limite, surgiu o indianismo, sobretudo com Basílio da Gama e Durão, verdadeira reinterpretação, segundo os dados especificamente locais, do diálogo campo-cidade, contido nos gêneros bucólicos. Como a vara da lenda, o cajado dos pastores virgilianos, fincado no solo brasileiro, floresceu em cocares e plumas, misturando velha seiva mediterrânea à “claridade do dia americano.” (CANDIDO, 2023, p. 66)

O Arcadismo nem sempre teve a força viva de expressar o território nos trópicos. Com o tempo, à medida que o movimento se desenvolvia no Brasil, os poemas começaram a “cair na boca do povo”, isto é, a se integrar à rotina. Assim, ocorre uma progressiva “aceitação e consolidação da corrente literária no gosto médio” (CANDIDO, 2023, p. 204). A forma literária torna-se metódica, com a formação de grupos literários incipientes no Brasil.

E de jardim o arcadismo fez-se cemitério, naquele momento com o gosto médio recepcionando a produção arcádica, os poetas utilizam de dois elementos que plasmaram a vida no século XVIII, a religiosidade e o patriotismo. A maior parte dos escritores desse momento realizam obras que não surpreendem o público leitor, mas há um evento histórico que mudará o cenário literário, a independência do Brasil.

Dentro desses limites acanhados e com todos os seus percalços, ocorreu, pois, a nossa breve Época das Luzes, coincidindo muito felizmente com um momento em que a superação do estatuto colonial abriu possibilidades para realizar os sonhos dos intelectuais. Por isso, no Brasil, a Independência foi o objetivo máximo do movimento ilustrado e a sua expressão principal; por isso, nesse momento, o intelectual considerado como artista cede lugar ao intelectual considerado como pensador e mentor da sociedade, voltado para a aplicação prática das idéias. (*Ibid.*, p. 252)

Nossa “Época das luzes” é marcada principalmente por maior alargamento das instituições ligadas ao ensino no Brasil, além da definição muito bem estabelecida do público intelectual, que escreve para os leitores. Não obstante, a independência emerge como um marco diferenciador no movimento ilustrado, criando uma nova camada de

indivíduos que se dedicam a refletir sobre a nação através da escrita. Entre os principais representantes desse período estão Hipólito da Costa, renomado jornalista e fundador do jornal *Correio Braziliense*, e Frei Caneca, líder e mártir da Revolução do Equador, cuja contribuição para a escrita jornalística também foi de grande importância no Brasil.

Juntos, os dois marcam o que em F.L.B é chamado de *Gênero Público* que é caracterizado pelos temas “ânsia de instrução, crença na educação para plasmar o homem na sociedade, amor da liberdade política e intelectual, desejo de reformas políticas, patriotismo, confiança na razão para impor as normas do progresso.” (*Ibid.*, p. 254). As inflexões que estes autores realizaram foram importantes para o rumo do país tendo em vista as mudanças sociais em curso.

Ainda em relação à independência, principalmente no final dela, ocorrerá um novo movimento literário, o romantismo.

[...] digamos desde já que o Romantismo no Brasil foi episódio do grande processo de tomada de consciência nacional, constituindo um aspecto do movimento de independência. Afirmar a autonomia no setor literário significava cortar mais um liame com a mãe-pátria. (*Ibid.*, p. 317)

Por este motivo, o momento-chave de nossa literatura é o romantismo, bem como na criação de uma identidade nacional, a “tomada de consciência” colocará os escritores preocupados agora em procurar formas de enaltecimento de sua pátria, e não mais do jugo português. E com essa tomada coletiva de se fazer literatura nacional há uma transição entre o arcadismo e o romantismo, os escritores superam o modelo arcádico e a tendência romântica torna-se cada vez mais forte. Entretanto, agora a literatura é uma ferramenta de valorização do país.

No romantismo há um motor em funcionamento, este motor produz uma energia para a construção da nossa identidade nacional. E junto ao romantismo houve nossa independência literária.

A Independência importa de maneira decisiva no desenvolvimento da idéia romântica, para a qual contribuiu pelo menos com três elementos que se podem considerar como redefinição de posições análogas do Arcadismo: (a) desejo de exprimir uma nova ordem de sentimentos, agora reputados de primeiro plano, como o orgulho patriótico, extensão do antigo nativismo; (b) desejo de criar uma literatura independente, diversa, não apenas uma literatura, de vez que, aparecendo o Classicismo como manifestação do passado colonial, o nacionalismo literário e a busca de modelos novos, nem clássicos nem portugueses, davam um sentimento de libertação relativamente à mãe-pátria; finalmente (c) a noção já referida de atividade intelectual não mais apenas como prova de valor do brasileiro e esclarecimento mental do país, mas tarefa patriótica na construção nacional. (*Ibid.*, p. 333)

A ideia romântica tem uma relação profunda com a independência, pois a mesma colocou em discussão novas formas estéticas, seja por necessidade de renovação, seja por transformações sociopolíticas, os literatos agora têm um dever coletivo com sua pátria, mas não somente isso, também são responsáveis por criar uma forma de independência nas belas letras.

Em certa medida podemos afirmar que o romantismo moldou um nacionalismo singular, pois nele há uma supervalorização da cultura do país como também elementos que marcam nossa brasilidade, seja por meio da língua, das obras ou dos heróis nacionais. Essa supervalorização se encontra na descrição dos “costumes, paisagens, fatos, sentimentos carregados de sentido nacional [...]” (CANDIDO, 2023, p. 337). Essas características descritas pelo autor formam, assim, um cenário propício para a construção de uma literatura que, para além do texto, pudesse também moldar a identidade nacional, propiciando ao público leitor mecanismos de identificação coletiva, uma das características de toda identidade.

Observando os principais autores desse movimento literário nota-se uma grande contribuição do ponto de vista da nacionalidade brasileira, pois são textos emblemáticos e nos remetem a um Brasil tropical, indianista e localizado.

<i>Minha</i>	<i>terra</i>	<i>tem</i>	<i>palmeiras</i>
<i>Onde</i>	<i>canta</i>	<i>o</i>	<i>Sabiá,</i>
<i>As</i>	<i>aves,</i>	<i>que</i>	<i>aqui</i>
<i>gorjeiam,</i>			
<i>Não gorjeiam como lá.</i>			

<i>Nosso</i>	<i>céu</i>	<i>tem</i>	<i>mais</i>	<i>estrelas,</i>
<i>Nossas</i>	<i>várzeas</i>	<i>têm</i>	<i>mais</i>	<i>flores,</i>
<i>Nossos</i>	<i>bosques</i>	<i>têm</i>	<i>mais</i>	<i>vida,</i>
<i>Nossa vida mais amores. (DIAS, 1969, p. 2)</i>				

Como colocado no poema *Canção do Exílio* de Gonçalves Dias fica muito claro o ufanismo pelas marcas nacionais. As palmeiras e os sabiás que não gorjeiam como lá, o nosso céu que tem mais estrelas, enfim, o que temos que os demais não têm? Essa pergunta coloca em discussão toda a relação de distanciamento da literatura portuguesa em nossa produção literária.

Na passagem entre tochas dos autores, chega-se ao surgimento da ficção e com ela o autor de *A moreninha*, Joaquim Manuel Macedo. Sua obra tem um lugar especial, pois

principia um gênero novo, revela uma nova tendência, e, acima de tudo, traz um valor social novo ao promover “narrativas cujo cenário e personagens eram familiares, de todo o dia; peripécias e sentimentos enredados e poéticos, de acordo com as necessidades médias de sonho e aventura” (CANDIDO, 2023, p. 463). Isso evidencia ainda o tom prosaico da obra de Macedo, contribuindo com um texto que é tecido por narrativas orais. Essas características mostram que o autor consegue ter uma proximidade com o público leitor que absorve muito bem sua obra.

Chegando ao último corredor que carrega a tocha da literatura brasileira, temos José de Alencar, um dos principais escritores, intelectual e político do Brasil, que realizou uma literatura com característica indianista romântica, promovendo uma nova análise da reprodução idealizada do indígena na literatura brasileira. Escritor de *Iracema* e *O Guarani*, Alencar foi responsável por colocar em circulação o tema do indígena ideal.

[...] Alencar fixou um dos mais caros modelos da sensibilidade brasileira: o do índio ideal, elaborado por Gonçalves Dias, mas lançado por ele na própria vida quotidiana. As *Iracemas*, *Jacis*, *Ubiratãs*, *Ubirajaras*, *Aracis*, *Peris*, que todos os anos, há quase um século, vão semeando em batistérios e registros civis a “mentirada gentil” do indianismo, traduzem a vontade profunda do brasileiro de perpetuar a convenção, que dá a um país de mestiços o alibi duma raça heróica, e a uma nação de história curta, a profundidade do tempo lendário. (CANDIDO, 2023, p. 552)

Com seu ideal, Alencar teceu um dos modelos de literatura brasileira, essa imagem do indígena que quebra suas correntes procurando dinamizar e difundir um novo ideal de nossa identidade. Alencar dá concretude a essa brasilidade literária e com ela tece um romantismo brasileiro que possui características locais e tropicais. É claro que as obras de Alencar não se resumem somente a estas, mas do ponto de vista da nossa identidade, as duas obras citadas anteriormente deram um salto nas raízes de nossa identidade. Como em *O Guarani* que cria um mito de fundação das relações amorosas entre indígenas (Peri) e colonizadores (Ceci), essa visão vai plasmar o cenário imagético de formação da nação por muito tempo, contribuindo para a má compreensão do processo sanguinário de espoliação e mestiçagem. Portanto, essa visão contribui para uma compreensão errônea da fundação do Brasil, e principalmente no que isso reverbera hoje, com o aniquilamento dos poucos povos originários que sobraram e quase nenhum apoio da sociedade ou do Estado. Nesse cenário é importante suscitar um questionamento: porque os povos indígenas foram esquecidos? Essa pergunta coloca em jogo a relação de assimilação da cultura indígena por parte da cultura brasileira, evidenciando o apagamento sucessivo das raízes originárias de nosso país.

A estrutura de F.L.B tem um ponto relevante. Quando Antonio Candido realiza sua produção deixa de lado um momento importante da literatura brasileira: o barroco. Sua compreensão, alinhada ao sistema literário, considera esse movimento uma manifestação literária, ou seja, não é *literatura*, porque não tem os três elementos — autor, obra e público — discutidos no início do trabalho.

Essa perspectiva de isolamento de outros movimentos literários resguarda profundas críticas à interpretação da literatura brasileira que Antonio Candido faz. Nela acaba se deixando de lado figuras como Gregório de Matos, mais conhecido como Boca do Inferno.

[...] no conceito definidor, as características distintivas do que seja “literatura” são tomadas de empréstimo à visão específica e particularizante que, do fenômeno literário, se faz o próprio Romantismo... Estamos, pois, em pleno “círculo hermenêutico”: o modelo de explicação, que começa por definir, num plano de generalidade, o que seja literatura como “sistema simbólico”, extrai as notas distintivas dessa definição, que se propõe como universal, do próprio fenômeno literário singularizado que pretende explicar (a evolução da literatura brasileira do arcadismo pré-romântico, até o advento, com Machado de Assis, do momento crítico do nacionalismo pós-romântico, já por assim dizer, decantado em “classismo”). (DE CAMPOS, 1989, p. 30)

Nesse momento Haroldo de Campos critica o formato de análise da literatura feita por Candido, pois o autor coloca sua visão particularista do “fenômeno literário” enquanto totalidade em seu quadro analítico e, por isso, deixa de lado o Barroco, pois olha com o filtro do romantismo todo o percurso formativo de nossa literatura.

O problema do público (da “recepção” e do “efeito” na **Formação da Literatura Brasileira** — obra que poderia também chamar-se **História Evolutiva do Romantismo no Brasil**, já que nela o Barroco não tem porta de acesso — acaba sendo tratado por um critério harmonizador, de concordância, que dá ênfase ao aspecto **integrativo** do processo recepcional. (*Ibid.*, p. 39)

Com essa passagem é possível ver a forma crítica que Candido faz da literatura brasileira, que com seu critério deixa de lado grandes nomes de nossa literatura, além é claro de movimentos de grande importância para a história da literatura, tomando como fio condutor todo o romantismo.

E ao final de F.L.B, Candido nos traz uma importante reflexão de nossa literatura, principalmente do nacionalismo literário. No fim do livro há uma discussão das tendências particularistas, isto é, a relação entre o *local* e o *universal*. Com essas tendências particularistas, o nosso crítico literário traz à discussão o artigo *Instinto de Nacionalidade*, escrito por Machado de Assis em 1873. Nele, Machado procurou reavaliar a condução estética da literatura brasileira considerando a reprodução do indígena idealizado inapropriada para a

representação de nossa nacionalidade. Além disso, procurou formar novos moldes estéticos que reforçassem nossa independência literária: “Esta outra independência não tem Sete de Setembro nem campo de Ipiranga; não se fará num dia, mas pausadamente, para sair mais duradoura; não será obra de uma geração nem duas; muitas trabalharão para ela até perfazê-la de todo” (ASSIS, 1973, p. 801).

Antonio Candido foi um dos mais brilhantes críticos literários do Brasil e com sua obra inovou até então os sentidos das *formações* no Brasil. Assim, sua interpretação do Brasil a partir da literatura tem uma importante contribuição ao pensamento social e, sobretudo, a nossa brasilidade literária, pois para ele a literatura é um fenômeno social que exprimiu o nosso sentimento de nacionalidade. Enfim, Candido é um crítico literário na periferia do capitalismo (ARANTES, 1992) que procurou antes de tudo interpretar uma literatura nacional e brasileira.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como a maioria dos intelectuais, os três autores analisados neste trabalho são multifacetados e controversos e suas interpretações entraram para as bibliografias obrigatórias na maior parte dos cursos de Ciências Sociais. Podemos considerar os escritores deste trabalho como clássicos das interpretações do Brasil, cada um ao seu modo: antropologia, sociologia ou literatura. Independente da área das ciências humanas utilizada é notório afirmar que são análises únicas que encabeçaram uma tradição interpretativa no Brasil.

É perceptível que toda análise é enviesada e, portanto, necessita de críticas, porém o salto analítico que os intelectuais desse momento realizam é de grande magnitude. Nesse período, o terreno dos estudos sobre Brasil passa a ser alimentado por esses autores que contribuíram para entender um país subdesenvolvido e colonizado.

Autores como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Antonio Candido conseguiram captar os rumos que o povo brasileiro levou, séculos de Casa-grande, uma ideologia cordial ou uma literatura empenhada? Essas questões levantadas em cada parte do texto cooperam para lançar um Brasil interpretado, analisado e lido nos moldes de cada autor.

Em *Casa-Grande & Senzala* tivemos a construção do povo brasileiro a partir de contrários, incidindo em uma nação de indivíduos que não têm conflitos raciais; A partir dessa visão Gilberto Freyre lança luz sobre uma idiossincrasia racial. Com ela não há racismo, não existem conflitos de raça, somos todos iguais. Não existe racismo no Brasil. E com as raízes das relações raciais tão profundas não é possível identificar os conflitos raciais; eles são suavizados. Essa é a perspectiva da democracia racial que trabalhamos no primeiro capítulo, ficando evidente o lugar que o negro assumia no quadro analítico de Freyre, agradecido ao colono por ser escravizado.

Em *Raízes do Brasil* nos deparamos com a transição do Brasil agrário e patriarcal para um Brasil urbano. Essa transição, segundo Sérgio Buarque, não é feita de forma linear seguindo a burocracia nos moldes weberianos; na verdade segue um modelo pessoalizado. Neste cenário, o Brasil é desenvolvido por bacharéis que se preocupam com valorizações pessoais e que deixam de lado as normas impessoais. Essa é a visão cordial do Brasil, um país que não consegue chegar aos moldes de uma democracia moderna, criando uma cultura política onde a população cultiva virtudes pessoais mesmo em espaços públicos em detrimento de comportamentos impessoais e republicanos.

Já em *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos*, Antonio Candido nos trás uma leitura dos principais momentos da nossa literatura, onde intelectuais e escritores estavam dispostos a realizar uma produção literária empenhada em distanciar-se de Portugal e

que pudesse exprimir a cultura brasileira. Nas belas letras Candido viu uma tendência no romantismo de se evidenciar os principais aspectos de nossa nacionalidade, bem como nossa mãe-pátria. Ainda, neste sentido, o autor também prefere deixar outras produções literárias — como o barroco — de lado, mesmo que estas mostrassem um caráter nacional e unificador.

O Brasil continua discutindo a formulação de modelos para organizar a nação e esse debate acaba inevitavelmente passando pela discussão do que é nacional (e, portanto, autêntico para uns, mas atrasado para outros) e o que é estrangeiro (e, portanto, espúrio para uns, mas moderno para outros). Ou seja, o país continua discutindo a questão da identidade nacional. Essa questão é reposta e reatualizada à medida que novos contextos são criados. (OLIVEN, 2002, p. 29)

A construção de uma identidade nacional pressupõe uma formulação que unifique a nação e desse ponto de vista há a condição nacional — *nation-ness* — (ANDERSON, 2008) — que necessita de indivíduos que tenham um sentimento de pertencimento em comum. No Brasil existem vários desses elementos, alguns até considerados pejorativos como carnaval, samba e futebol. Entretanto, esses autores se debruçam sobre a sociedade nacional para tecer uma identidade.

Com esse grande empreendimento da *intelligentsia* brasileira na década de 1930 fica claro o objetivo daquele momento. Criar um molde interpretativo que pudesse captar os elementos que unificam e modelam nossa nacionalidade. Portanto, esses autores procuraram observar um país fragmentado e dividido.

Estamos diante de um fenômeno inédito na cultura brasileira: entre nós, grupos políticos setorializados tendiam mais e mais a buscar apoio cultural e financeiro em partidos com poder nacional, ou com poder restrito a esta ou àquela região do país. Como a meta da política de identidade cultural é a obediência à Constituição brasileira, no que ela exige de mudanças profundas no modo de conduzir as ações do Estado e no modo de comportar dos cidadãos, objetivos por demais ambiciosos em país de tradição autoritária e de nacionalismos econômicos, as alianças cosmopolitas se justificam plenamente e compõem um estimulante quadro político ao mesmo tempo cidadão e cosmopolita, bem diferente do quadro tradicional imposto pelas elites brancas e masculinas, também cosmopolitas, como vimos, mas à sua própria maneira. (SANTIAGO, 2004, p. 39-40)

A formação cultural brasileira é dirigida então por públicos setorializados que deslocam os reais interesses da população e que por sua vez forma uma identidade cultural turva que não corresponde às estruturas sociopolíticas vigentes. O que significa dizer que, em muitos termos, hoje, a identidade cultural brasileira é conduzida por grupos da elite nacional que criam um cenário fora do real, ocultando diversas formas de representação popular.

Mas além de cristalizar a nossa identidade nacional, esses intelectuais realizaram uma interpretação única. Só é possível conceber o Brasil descrito em cada obra nas lentes que cada

autor utilizou. Em virtude dessa lente é possível afirmar que não necessariamente estamos estudando um Brasil como realmente é ou foi na década de 1930. Mas estamos tratando de um Brasil *inventado*, alcunhando o termo do historiador Eric Hobsbawm.

O termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez. (HOBSBAWM, 2008, p.9)

Inventar uma tradição brasileira foi o que estes autores realizaram. Suas produções tiveram e têm uma grande importância para se compreender o Brasil e com uma análise *sui generis* contribuíram para dar luz a interpretações num país de dimensões continentais.

Por tradição inventada entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição ao passado. (HOBSBAWM, 2008, p.9)

Qual Brasil foi inventado por estes autores? O Brasil da democracia racial? A cordialidade? Ou o romantismo brasileiro? Esses questionamentos lançam as veleidades que as três obras têm no campo das interpretações do Brasil, e mais ainda nos limites de cada produção. Neste sentido, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Antonio Candido utilizaram um pincel (a interpretação), uma tinta (o povo brasileiro) e um quadro (suas obras) para construir uma invenção chamada Brasil.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARANTES, Otilia Beatriz Fiori; ARANTES, Paulo Eduardo. **Sentido da formação: três estudos sobre Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza e Lúcio Costa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. **Guerra e paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- _____. Chuvas de verão: “antagonismos em equilíbrio” em Casa-Grande & Senzala de Gilberto Freyre. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BASTOS, Elide Rugai. **As criaturas de Prometeu: Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira**. São Paulo: Global Editora, 2006.
- _____. **A questão racial e a revolução burguesa**. In: D’INCAO, Maria Angela (org.). **O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: UNESP, 1987, (p. 140-150).
- BEN JOR, Jorge. País Tropical. In: **Jorge Ben**. Intérprete: Jorge Ben Jor. Brasil: Philips, 1969. Disco Vinil, Lado A, Faixa 5, (4:16). Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/4877bJ149OUJZHTiU5Jg8P?sim=4563915bdfa845f5>. Acesso em: 13 abr. 2024.
- BOAS, Franz. **Antropologia cultural**. São Paulo: Ed. Zahar, 2004.
- BOTELHO, André; HOELZ, Maurício. Sociologias da literatura: do reflexo à reflexividade. **Tempo social**, v. 28, p. 263-287, 2016.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. São Paulo: Todavia, 2023.
- _____. O significado de Raízes do Brasil. In: HOLANDA, S. B. D. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1967-2013.
- CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.
- COUTO, Rui Ribeiro. “El hombre cordial, producto americano”. **Revista do Brasil**, n. 6, 1987.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Penso Editora, 2021.
- DE CAMPOS, Haroldo. **O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Mattos**. Salvador, BA: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.

- DIAS, Gonçalves. **Poesia**. Coleção “Nossos Clássicos”. São Paulo: Agir, 1969
- DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo, Martins Fontes, 1999
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 2019.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- GUIMARÃES, Antônio Alfredo. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Editora 34, 2002.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2023.
- HOBBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A Invenção das Tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1984.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 27^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JACKSON, Luis Carlos. Antonio Candido: crítica e sociologia da literatura. *In*: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MONTEIRO, Pedro Meira. **A queda do aventureiro: aventura, cordialidade e os novos tempos em Raízes do Brasil**. Minas Gerais: Relicário Edições, 2021.
- MOURA, Clóvis. **O negro: de bom escravo a mau cidadão?** Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1977.
- NICODEMO, Thiago Lima. Sérgio Buarque de Holanda. *In*: SECCO, Lincoln; PERICÁS, Luiz Bernardo. **Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados**. Boitempo Editorial, 2015.
- OLIVEN, Ruben George. Cultura brasileira e identidade nacional (o eterno retorno). *In*: MICELI, Sérgio. **O que ler na ciência social brasileira: 1970-2002**. Ed. ANPOCS, 2002.
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PRADO, Décio de Almeida. O Clima de uma época. *In*: AGUIAR, Flávio. **Antonio Candido: pensamento e militância**. 2^a ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2022
- SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- VIANA, Oliveira. **Populações meridionais do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2005.
- WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. São Paulo: Universidade De Brasília, 2004.